

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração

RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MARINHO

Telefone 123 — BARCELOS

Notas de Lisboa

25 DE NOVEMBRO

Realiza-se, em 12 do mês que vem, o 8.º recenseamento da população portuguesa.

Todos sabem que a verdade do recenseamento, ou aquilo que ele pode e deve dizer, depende só de nós, ou da esclarecida inteligência dos que preenchemos os respectivos boletins. Saber quantos portugueses somos actualmente; como se desenvolve o urbanismo, e quais as suas consequências económicas e morais; conhecer a evolução das profissões, da constituição das famílias, do grau de instrução dos indivíduos, da longevidade — tudo isto depende de nós, da consciência do valor que somos obrigados a dar ao recenseamento. Este é um elemento indispensável de investigação, no que respeita á solução de problemas, como são a higiene social, a assistência ás crianças, a habitação popular, a luta contra o desemprego, e tantos outros do mesmo interesse nacional. Acrescente-se que aumentou a população, e que é necessário organizar a vida económica, de modo que não se falte ao acréscimo com o pão quotidiano. Vê-se, portanto, que, sem o conhecimento dos dados dos referidos problemas, não pode haver solução justa; e, como tais dados de nós é que dependem, somos por isso obrigados a ser verdadeiros, para não prejudicarmos o interesse da Nação, e o interesse de quantos de nós estamos a reclamar, por necessidade, condições de vida melhor.

Cumpramos o nosso dever, que é um dever de colaboração com o Estado, e que, aproveitando a circunstância de o recenseamento se fazer este ano dos Centenários, serve para sem esforço de maior, provarmos que estimamos acima de tudo o bem estar da nossa Pátria.

O Congresso Luso Brasileiro oferece um significado ideal, cuja magnitude e transcendência só a perspectiva do Tempo nos permitirá apreciar no seu justo valor; sua inauguração, coincidindo com a festa jubilar da Nacionalidade, há-de marcar jornada decisiva na campanha de aperfeiçoamento das relações luso-brasileiras. Recordámos estas palavras do discurso que o sr. Embaixador do Brasil proferiu na sessão inaugural do Congresso Luso Brasileiro de História.

Como se sabe, o referido Congresso tem por fim o colaboração de eruditos portugueses e brasileiros no estudo de comum História, onde e até quando a mesma foi comum aos dois povos irmãos; e estudar o que deve a si mesmo o Brasil, com o seu trabalho e progresso. Mas, conforme disse o sr. dr. Júlio Dantas, um dos oradores daquela sessão, nem brasileiros, nem portugueses estão ali, como simples evocadores do Passado, mas também como construtores do Futuro. Queria dizer o sr. dr. Júlio Dantas, por outras palavras, que os congressistas exerciam uma função político actual, no bom significado do termo; e essa função, salientou-a o sr. Embaixador do Brasil, afirmando que tal Congresso havia de marcar jornada decisiva na campanha de aperfeiçoamento das relações luso-brasileiras. Hoje, ao cabo de alguns dias de trabalhos, apresentados com saber, e discutidos com serenidade,

Política nacional, tradicional e progressiva

Em todas as manifestações e solenidades das Comemorações Centenárias se ouviu a voz forte do amor da Pátria, cantando as glórias passadas e presentes de Portugal, comandar aos vivos em nome dos mortos:—portugueses, de pé! De pé e unidos para a defesa do património sagrado de oito séculos de rudes batalhas, trabalhos, sacrificios, heroísmos, derrotas e vitórias, cuja expressão-síntese é Portugal-Império, chama de Civilização e berço de nações.

Se este é o apêlo do amor da Pátria — quem hesitará em segui-lo?

Há muito tempo que se diz ter chegado a hora das decisões heróicas para os homens e para os povos — verdade que os factos estão confirmando com grande retumbancia e que, por ser verdade; nos cumpre não desprezar. Com este sentido das realidades se fez a Revolução de Maio e se lançou as bases constitucionais do Estado Novo, ao mesmo tempo que viamos Salazar insistir na idea de estarmos reconstruindo a Pátria e o Império num período difícil da vida do Universo — «Nós vivemos em Portugal (diz no discurso de 23 de Novembro de 1932) uma pequena parte do drama do Mundo». — E na esteira deste pensamento aparecem com frequencia expressões como estas — momento de transição, viragens da História, etc., que a profunda observação e o tom profético destas palavras do mesmo discurso, de certo modo, objectivam e elucidam: — «Dentro de dezenas de anos é natural que os povos tenham de novo encontrado numa fórmula de equilibrio político e social; a trajectória que até lá vão seguir é que pode ser uma estrada tenebrosa de convulsões e miséria ou o caminho, embora acidentado, da segurança e do trabalho ordeiro».

Não há duvidas, hoje, sobre a trajectória escolhida por muitos povos — «a estrada tenebrosa das convulsões e miséria» da guerra — e por Portugal — «o caminho, embora acidentado, da segurança e do trabalho ordeiro», da paz, que (ainda no dizer de Salazar) demandamos «intencionalmente, salvando do passado as verdades superiores da Humanidade, as aquisições definitivas da sua experiência secular e indo ousadamente escolher ás promessas do futuro o que é imposto pela feição e necessidade dos novos tempos...»

Este propósito está inscrito em todas as grandes páginas da nossa História. É um programa de politica nacional que a Exposição do Mundo Português nos deu em quadros e imagens de maravilhosa síntese dum esforço e obra de séculos. Por isso nos orgulhamos de dizer, sem receio de erro, exagêro ou contestação, que a politica do Estado Novo é, sob todos os pontos de vista, nacional e, ainda pelos mesmos motivos, a mais tradicionalista e a mais progressiva.

Em 1 de Maio de 1935, os trabalhadores do Norte de Portugal, reunidos em Guimarães, ouviram de Salazar estas palavras expressivas, que invocamos em abono das nossas: — «há alguma coisa de estranho que, oito séculos passados, diante das mesmas vetustas pedras que testemunharam a independência e fundação do reino, nos encontremos os homens de boa vontade — operários do campo, da fábrica e da oficina, executores ou dirigentes do trabalho — a festejar a nova era. Seria amesquinhar o momento augusto que esse lugar fôsse hoje apenas o ponto de encontro de manifestação aliás grandiosa. Quis-se mais: pretendeu-se sobretudo, inspirando-nos nêle, dar os mesmos fundamentos de alto patriotismo e os mesmos vãos de largas ambições á sociedade que pretendemos erguer».

— Política nacional, tradicionalista e progressiva, é a que prossegue incansavelmente o Governo de Salazar, tanto na ordem material como na espiritual, para fazer de Portugal uma nação cada vez mais forte, una, prospera e independente, amada com paixão e orgulho pelos portugueses e respeitada pelos que não têm a ventura de o ser. Os que se negam a reconhecer-lhe esse carácter sério, construtivo, fazem-no de má-fé, por contumácia no erro que já não se desculpa, porque o inspira o ólio de partido ou o anti-patriotismo, causa de desordens e crimes individuais e colectivos que, em nome do interesse nacional e da justiça deverão ser prevenidos ou castigados com a maior severidade.

estamos certos de que mais fortes são para o futuro as bases em que assentam os laços do sangue, e do espírito, e do coração, entre portugueses e brasileiros. Como ainda por palavras do sr. dr. Júlio Dantas, a História uniu

Portugal e o Brasil; e a História os há de guiar a ambos, para a defesa vivida daquilo que a ambos interessa, ou seja a comum civilização cristã.

A. da F.

Encerramento do ano aureo das Comemorações centenárias em Barcelos

Barcelos que marcou pelo brilhantismo que deu ás Festas da Fundação e que nunca se poderão apagar da imaginação de todos os que tiveram a felicidade de a elas assistir; que chegaram a atingir a exaltação de um povo ao rubro do entusiasmo, merecendo de Sua Ex.ª o Senhor Ministro, representante do Chefe da Nação, as mais sinceras exclamações de admiração, Barcelos fechou por forma brilhante as comemorações centenárias.

O Sr. Presidente da Camara e Presidente da Comissão das Festas Centenárias, Dr. Alexandre Sá Carneiro, empregou todo o esforço em fazel-as ressaltar pelo maior esplendor.

A decoração do Salão Nobre estava á altura da finalidade da Sessão.

Às 4 horas da tarde, não havia já um só logar em vazio, vendo se muitas senhoras e organismos religiosos.

Pelo Sr. Presidente da Camara foi convidado tudo quanto em Barcelos tem situações oficiais e tambem aqueles que tem representação social.

Aberta a sessão foi dada a palavra ao orador da tarde, o Sr. dr. Adélio Marinho, que durante meia hora teve presos aos seus lábios os que naquela sala estavam absortos a ouvi-lo.

O seu discurso foi um rendilhado de frases lindas e bem ajustadas, entremeadas de cantares de um Poeta, Correia de Oliveira, que é a expressão maxima da poesia portuguesa nacionalista.

Pelos mais belos pensamentos prendeu Barcelos á História da Restauração, fazendo que todos a vissem engrinaldada pelas lindas flores da Tradição, cultivada no pequenino canteiro de Barcelos e que deu o jardim de Portugal.

Foi emocionante quando levou toda a assistência a, de pé, acompanhar o juramento de D. João IV á Virgem Nossa Senhora da Conceição.

Falou a seguir o Sr. Dr. Alexandre Sá Carneiro, muito ilustre Presidente da Camara, que pronunciou um discurso cheio de erudição, evidenciando uma intelligencia vasta e dominadora.

Mostrou e focou bem os direitos de Barcelos na participação que teve — e mais devia ter — nas Festas Centenárias, e que vai marcar para sempre na pedra a inaugurar hoje.

Apelou, num brado saído bem da sua alma, para todos os Barcelenses serem os continuadores da obra dos antepassados que hoje relembramos, exaltando a sua memória.

Organizou se depois um cortejo, composto da Camara, Associações e todos os convidados, e tudo se dirigiu para junto do local onde ia descerrar-se a lapide votiva de D. João IV.

A Mocidade desfilou, vindo depois formar em frente; e cantou em orfeon o hino da Restauração, no momento solene em que o Sr. Presidente da Camara fez desviar da lapide, deixando-a a descoberto, a bandeira do Municipio de Barcelos.

E assim terminaram em Barcelos as festas comemorativas dos Centenários, por forma brilhante, ficando a lapide a atestar a Fé que Barcelos tem pela tradição.

Cartilha do Corporativismo

8

A Riqueza

O fim da actividade económica é a criação ou a valorização da riqueza. Mas esse fim, numa economia bem entendida, é apenas o objectivo imediato.

Deve um país empenhar-se em atingir um máximo de produção e de riqueza. Mas isso nada significará se as riquezas se amontoarem estérilmente ou se forem dissipadas com inconsciência.

A riqueza vale pela sua utilidade social.

E' socialmente útil a riqueza quando o seu acréscimo determina uma elevação correspondente do nível de cultura e de civilização, quando se reflecte no revigoramento da raça, no aperfeiçoamento da educação, na franca moralização dos costumes, na melhoria das condições da vida material.

Não é pela cifra das grandes concentrações de fortuna que se pode aferir do que vale um país. E', sim, pelo conjunto dos sinais de bem estar material e moral, pela saúde do corpo e do espirito das grandes massas trabalhadoras, pela estabilidade e segurança da sua existência, pela coesão da família, pela boa ordem da economia, por tudo aquilo que é próprio para nos transmitir uma impressão de equilibrio e de continuidade no esforço.

Como os indivíduos, a riqueza tem o dever de servir os objectivos da vida nacional.

Rectificando

No meu artigo *Os Duques de Barcelos*, publicado em o numero 436 de 1 do corrente do *Noticias de Barcelos*, há um retoque a fazer: o início da proclamação de D. João IV foi aqui na tarde, e não na manhã, de sexta-feira 7 de Dezembro de 1640. No Documento, que publiquei em 1938 no Opúsculo *1640 em Barcelos*, páginas 24, linhas 18 e 19, lê-se: *o que foi na Igreja desta Villa a horas de Vesporas*. Já se vê que esta fixação de horas conserva, porém, a posição saliente de Barcelos no *levantamento* de Soberano português independente e ainda mais concordo com o raciocínio inteligente do Senhor Dr. Joaquim Furtado Martins na publicação, *Barcelos na Fundação e na Restauração de Portugal*, Barcelos, 1940, páginas 11: seria a atitude imediata de Barcelos que impulsionou o Porto, e a seguir Guimarães e Braga, a decidirem-se respectivamente em 8, 10 e 11 de Dezembro. Para detalhes do *levantamento* é proveitosa a leitura da *1640—Revista Bibliográfica*, actualmente em publicação em Lisboa sob direcção do Senhor P.º Manuel Ruela Pombo, Missionário aposentado de Angola e Bibliotecário—Arquivista diplomado, na qual já saíram quatro artigos muito interessantes: I Guimarães, II Coimbra, III Viana do Minho (com referencias a Barcelos) e IV Santarem.

Barcelos 2 de Dezembro de 1940

José de Mancelos Sampaio
Major Reformado

Farmácias de serviço

No proximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente a Farmácia do sr. Antero de Faria no Largo Dr. Martins Lima e a Farmacia Faria em Barcelinhos.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

A ECONOMIA E A GUERRA

O MUNDO TEM FOME DE FERRO!

Este simples corpo da natureza, de aspecto granulado e cor cinzento-azulado, que se chama ferro, metal de extraordinária soldabilidade e de alguma maleabilidade—qualidades estas que «ont fait du fer l'agent le plus puissant que la nature ait mis au service de l'homme» no dizer de Lasprienne,—é dos metais mais espalhados na superficie do globo embora raras vezes encontrado no estado de pureza.

Representa uma riqueza indispensável à economia de certos países. De facto, o óxido de ferro, os carbonatos e os sulfuretos de ferro estreitamente unidos a matérias que comportam o cromo, o alumínio, chumbo, titânio, zinco, enxofre, silício, Molibdenio, Manganéz, etc. concorrem para o progresso das indústrias.

Um país que possua grandes jazigos de ferro é um país que pode considerar-se, sob o ponto de vista económico, «independente» bastando-se a si próprio pelos recursos de preciosas exportações; sem ferro, não é possível, em tempo de paz ou de guerra, manter-se um estado seja qual for a sua extensão territorial. Os grandes países carecem tanto mais deste utilíssimo metal quanto maior for o seu desenvolvimento industrial. Por isso o ferro é simultaneamente um produto barato e caro, e que depende, também, em grande parte dos dois elementos que determinam o preço de compra e venda do ferro: cal e sílica.

Os países siderúrgicos, dispoendo da enorme força dos seus stocks de ferro, são, para assim dizer, os grandes armazéns do mundo. A siderurgia é indústria contemporânea da máquina a vapor que Newcomen inventou, Savary melhorou em 1726 e James Watt aperfeiçoou em 1773, embora há mais de 5.000 anos já se fabricassem objectos de ferro no Egipto conforme ficou comprovado pelas pesquisas arqueológicas feitas em velhos túmulos e nas grandes pirâmides. Aristóteles já mencionava o fabrico do aço na India. Supersticiosos em extremo, egipcios e babilónios chamavam ao ferro «Pedra do Ceu» julgando-o proveniente dos espaços siderais sob a forma de meteorito; o próprio vocábulo *siderurgia* está ligado à existência duma estrêia conhecida por Sidus, e o próprio metal segundo afirma o engenheiro Wood inspirou, em 1717 o poema «ferrum» ao padre Xavier de La Santé, depois traduzido do latim para diversas línguas.

A lenda fala-nos de Sidério, pastor de quem a deusa da estrêla polar se enamorou, repelida por este, a deusa transforma Sidério em ferro...

A siderurgia é a metalurgia do ferro: estuda as propriedades do metal, as suas applicações e o preparo das suas ligas, ensinando ainda a ligar o ferro puro em proporções variáveis a outros corpos simples, entre eles o carbono. A siderurgia nasceu na Inglaterra. Dud Dundley em 1619 iniciou as experiências queimando o coque em lugar do carvão vegetal; Abrahão Derby em 1734 usou pela primeira vez carvão mineral em altos fornos; Henry Cort em 1784 cria os processos indirectos do fabrico; Bessemer em 1855 inventa o convertedor produzindo nele o aço liquido em grandes massas; Frederico Siemens em 1856 regista com a patente do seu nome os recuperadores de calor e Gilchrist fabrica aço com minérios imensamente fosforosos.

A importancia económica do ferro é, como dissemos, evidente.

E' que o ferro é o pai da máquina e esta representa a submissão da natureza ao homem. A máquina substitue o músculo, engole distâncias, dinamisa cérebros, aumenta a eficiência, cria o conforto, é a energia em movimento. Gera riqueza.

Todas as grandes nações se tornaram estados de incalculavel força e prestígio depois que iniciaram a produção industrial do ferro.

A Suécia, a Noruega e a Bélgica eram dos países mais prósperos na indústria do ferro. As duas primeiras estavam tão sobrecarregadas de encomendas em 1936 que a produção dos seus jazigos fora alienada até 1938, e a ultima em 1937 não exportava mais aço. A produção de França, apesar da sua enorme actividade siderúrgica está actualmente devotada às necessidades da guerra... por conta do terceiro Reich.

O mundo tem fome de ferro. Nos Estados Unidos a crise do ferro criou uma indústria nova: o aproveitamento técnico de velhos automóveis caminhões, wagons, etc. O Japão recusou a Argentina uma encomenda que esta lhe fez de materiais ferroviários avaliados em 10 milhões de Yens.

A conquista da Etiópia—onde ha grandes jazigos de ferro—pela Itália, e a da Mandchuria pelo Japão, fizeram dos dois estados totalitários grandes produtores de aço.

A Inglaterra deixou de se abastecer nos jazigos de Bilbao e as fundições de aço que construiu, por contracto, na Turquia, estão apenas fazendo face às exigências da guerra.

Na europa e na América os jazigos de ferro puro estão desaparecendo. A França apesar da sua riqueza em minério de ferro, sobretudo depois que retomou a Lorena à Alemanha, era grande importadora de minério na Espanha. A guerra fez com que perdesse um dos seus principais fornecedores: o Luxemburgo.

As colónias francesas têm possibilidade de abastecer a pátria do grande Hugo. E' este, sem duvida, um dos grandes pontos nevralgicos, do futuro tratado de paz entre o 3.º Reich e a França, e não é descabido admitir-se, que é talvez por esta razão, que o general de Gaulle quere apoderar-se das colónias francesas, pelo menos daquelas que são extremamente ricas em hematites fosforosas.

Sim, o mundo tem fome de ferro.

E o monstro da guerra é insaciavel.

A de Utra Machado
alferes de infantaria miliciano

Comendador Paulo Felisberto

Todos os anos, nesta época do Natal, o coração bondoso do Ex.º Comendador Paulo Felisberto abre-se em caridade, distribuindo pelos pobres avultadas esmolos.

Para Barcelos tem vindo sempre a quantia de dez mil escudos, a repartir em esmolos de cinquenta escudos.

Tem havido sempre o cuidado de fazer chegar essas esmolos às mãos de necessitados que bem a merecem, indo essa esmola aliviar por momentos o infortunio desses Lares.

Mas este ano é bem diferente a distribuição a fazer.

Sua Ex.ª ordenou que metade da importancia total fosse destinada às freguesias do Concelho, sendo contemplada uma familia pobre em cada uma.

E assim fica muito reduzido o numero dos beneficiados em Barcelos.

Por indicação de Sua Ex.ª a Comissão é constituída em Barcelos pelos Srs. Conego Prior de Barcelos, Arcepreste de Barcelos e Provedor da Santa Casa.

No dia 14 de Dezembro, ás 10 horas, haverá Missa na Igreja da Santa Casa, com assistencia de todos os pobres contemplados, finda a qual será feita a distribuição das esmolos.

Circulo Catolico

de Operarios de Barcelos

Esta Associação que tão relevantes serviços presta no meio operário desta cidade, costuma realizar no 1.º de Dezembro uma sessão solene, a comemorar a data gloriosa da Independência da Patria.

São sempre motivo para cultivar no espirito dos socios e suas familias a ideia cristã e nacionalista que propulsiou os conjurados portugueses a revoltarem-se e proclamarem a Independência de Portugal.

A Direcção do Circulo Catolico que tem á frente o Rev.º Sr. Padre Bonifacio Lamela, espirito empreendedor e dotado de tenacidade exemplar, não quiz deixar passar em claro o 1.º de Dezembro de 1940, ano aureo das comemorações centenarias, e para isso organizou um programa de festas que marcou na tradição do Circulo Catolico.

Foi convidado para falar na sessão solene o Sr. Dr. Furtado Martins, ilustre advogado nesta comarca; o seu nome foi o bastante para mais concorrida ser a sessão, estando totalmente cheia a grande sala de espectaculos.

Presidiu á sessão o Sr. Dr. Matos Graça, que começou por elogiar a acção educadora do Circulo Catolico no meio operario de Barcelos, onde é sempre de grande vantagem ordenar a cultura do espirito do trabalhador, moldando-o em fundo cristão e nacionalista.

Referiu-se á Exposição do Mundo Portuguez, assombrosa manifestação de cultura de uma raça que se vê consciente da sua força pela doutrina que a dinamisa.

Dirigiu-se ao conferente com termos os mais elevados e justos pela sua cultura, das mais completas no meio de Barcelos; são profundos os seus conhecimentos da Historia, livro que para o Sr. Dr. Furtado Martins não tem página, um periodo só que não tenha sentido o perpassar da sua inteligencia.

O seu discurso será, com certeza, mais uma manifestação do seu talento.

O Sr. Dr. Furtado Martins, falando a seguir, pronunciou um discurso que, sem exagero, foi assombroso de erudição, mostrando de quanto é capaz a sua inteligencia.

Qualquer apreciação que neste momento se possa fazer não é cabida, estando nós no proposito de o publicar no proximo numero.

Deve ser lido por todos os que não tiveram ocasião de ouvil-o no Circulo Catolico, pequeno espaço para tão largos vôos de oratoria.

O sr. Presidente encerrou a sessão, agradecendo ao conferente os momentos de prazer espiritual que, estava certo, todos desejariam fossem convertidos em horas, tão encantadores foram.

O Grupo cenico Mocidade Barcelense representou um pequenino drama em um acto, «A Restauração de Portugal», e uma pequena comedia tambem de um só acto, e que foram bem desempenhados, agradando todo o seu conjunto.

E' sempre para exaltar a acção social do Circulo Catolico no meio operario de Barcelos, e as suas festas são sempre acolhidas com a maior simpatia.

BACALHAU

ISLANDIA E INGLÉS

QUALIDADES FINISSIMAS

Vende se na CASA AGUIA

PEDIDOS PELO TEL. 142

AUTOMOVEL
6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO

Largo José Novais—Telefone 8

